



A POUPA.

Não descreveremos uma ave, tão vulgar, posto que d'arribação, em o nosso paiz. Conhecida é de todos pelo matiz da plumagem e a crista ou topete de 26 penninhas sombreadas de côres, que lhe adorna a cabeça. Diremos sómente alguma cousa ácerca dos seus habitos e das propriedades, que lhe attribuem.

Em geral as poupas preferem as planicies aos terrenos montanhosos e cubertos de matas, aprazendo-lhes sobre tudo as baixas encharcadas ou pelo menos humidas: ahí as achareis em contínuo giro enterrando o comprido bico no chão lodacento para fazerem sahir á superficie os vérmes e pequeninos molluscos, de que são mais gulosas do que de insectos: tambem vagamundeiam de moita em moita em demanda dos pulgões que se apegam ás folhas d'alguns arbustos. Curam pouco do fabrico dos ninhos, e os accomodam em fendas de róchas, em locas de muros velhos, ou em buracos d'arvores carcomidas; empregam nestas construcções os materiaes mais immundos; com excrementos humanos e de animaes domesticos os

amassam as mais das vezes, póde dizer-se que estão resguardados pelo fetido que de ordinario exhalam os logares que os occultam. São muito assiduas na incubação, muito vigiadoras da prole; e nessa epocha amaciam-se os seus clamores [porque não podemos chamar-lhes canto] ou aquelles gritos um tanto lugubres, que alguns credulos tem por infestos, como os das aves agoureiras.

As poupas não são espantadiças, nem fogem muito do aspecto humano, quando as não perseguem: ha exemplos d'algumas domesticadas, que se habituaram ao captiveiro, e sôltas em qualquer jardim o limpavam de vérmes e insectos destruidores; todavia nas terras, onde o inverno é muito rigoroso, deve haver toda a cautela em as recolher e abrigar, porque os primeiros frios ordinariamente as matam.

Muitas fabulas narrou a antiguidade ácerca destas aves. Em primeiro logar, disseram que ellas eram modelos da piedade filial; mas não apparecem em nossos tempos factos que comprovem esta asserção;

pelo contrario vê-se que lhes faltam aquelles habitos e instinctos sociaes de que são dotadas a maior parte das aves migratorias; donde é de presumir que não serão nellas tão fortes os vinculos [digamo-lo assim] de familia, notaveis e distinctos em outras tribus aligeras, que com as estações mudam de clima.

Em segundo logar, attribuiram-lhes tantas virtudes medicinaes, já da cinza dos ossos, já das carnes e pennas, que faltava pouco para lhes darem as honras de panacéa universal: infelizmente estes e que taes especificos perderam a sua virtude, e ninguem, nem o vulgo, crê hoje nelles. Não ha quem ande á caça de poupas para as preparar como remedio; e se alguns curiosos gastam com ellas polvora e chumbo, mais será para terem o gosto de mostrar aos rapazes da vizinhança a bonita ave do que pelo lucro que dahi lhes provenha, visto que despojada das pennas vale menos que o descarado e ratoneiro pardal.

CIDADE DE VIZEU. (1)

1.^o

INCONTESTAVEL é a grande antiguidade de Vizeu; porem se quizermos assignalar-lhe ao certo a epocha da origem, e applicar-lhe, como alguns antiquarios fizeram, nomes de certas povoações que se encontram pelos geographos romanos, recrescerão as duvidas e embaraços, já pela incerteza das situações dessas cidades, já pela obscuridade das passagens dos auctores, que seria forçoso allegar; e no meio de hypotheses, e de observações criticas, sem talvez nada concluir-mos, teriamos feito uma dissertação academica em vez d'um artigo proprio deste jornal. Fosse Vizeu a antiga *Verurium*, ou *Vacca*, ou *Vizo* ou *Fico aquario*, pouco nos importa; certo é que no dominio dos suevos, no seculo 6.^o, já desfructava as honras de sé episcopal, como ao diante melhor diremos; e que Brito na 1.^a part. da *Monarch. Lus.* traz escripturas de 925, por onde se vê que a possuíam Huflo Hufles e D. Tareja, e que lhe davam então o nome de Vizo. Todavia desce desses tempos remotos uma tradição de vinte seculos, por tal fórma gloriosa, fortificada com vestigios existentes, que não devemos passa-la em silencio.

Bem conhecido é nos fastos lusitanos o nome de Viriato, vencedor das soberbas hostes romanas: perpetuada ficou em Vizeu a sua memoria, porquanto o mais notavel monumento desta nobre cidade, se denomina *cava de Viriato*, de que existem restos n'uns pedaços de muros de terra, quasi apagados pela malicia, ou desleixo dos homens. Sabe-se que em 1461 o cabido da sé de Vizeu tomou posse da cava, que a este tempo estava resguardada com uma porta; e que dentro havia (reinando D. João 1.^o) uma capella dedicada a S. Jorge, á qual o illustre infante D. Henrique, a quem seu pai fizera duque de Vizeu, legou certo rendimento para se cantar missa todos os Sabbados do anno; e no dia do St.^o se fazia procissão com assistencia do cabido e numerozo concurso de povo. Arruinou-se a ermida e passou a celebrar-se a missa no templo da Sé, e o retabolo do santo foi transferido para uma capella, hoje da Sr.^a da Conceição no Campo da Feira: todavia este quadro ha muito desapareceu, assim como já hoje se não canta a missa.

Em 1723 mediou-se a cava por ordem real, e achou-se que ainda então tinham os muros tres *lanças* (2)

(1) A maior parte destas noticias extrahimos d'uma extensa memoria, que nos foi remettida pelo nosso socio, o Sr. Candido Xavier de Carvalho.

(2) A *lança*, medida agraria, tinha 25 palmos craveiros, como consta de uma sentença de 1695.

d'altura, com 40 palmos de largura no cimo, sendo provavel que rematassem em cavallete para melhor defensão: avaliou-se a circumferencia em 3:065 passos communs, e parecia que fôra oitava a primitiva fórma tendo entrada por quatro grandes aberturas, duas ao norte e duas ao sul: suppoem-se que estas seriam as portas, guarnecidas de cantaria, que o lapso dos tempos, ou a mão dos homens, destruiria. Os muros tem sido cerceados a ponto que hoje do lado oriental em grande extensão se não acham vestigios do que fôra, e do fosso cheio d'agua que cercava este recinto apenas resta um pequeno pedaço da banda occidental, a que chamam "o poço da cava." Os donos das terras contiguas nestes ultimos annos se pozeram a arrazar os muros com tal furor que o general Victoria que então governava a provincia, se viu obrigado a tomar medidas para obstar á devastação. A camara de Vizeu em Junho de 1813 mandou levantar marcos em todo o circuito pelos lados exterior e interior dos muros, mas nem assim pôde conseguir que cessasse a obra de destruição. Bem mereciam porem o ter sido preservados da extrema ruina estes fragmentos que recordam os primeiros feitos d'armas dos nossos ascendentes. Diz a tradição que, vencido em Campo d'Ourique o pretor, Claudio Unimano, pelo valor dos lusitanos recorrêra ao pretor, Caio Nigidio, para que entrando com mão armada pela provincia da Beira fizesse assim uma diversion ás tropas de Viriato que em peso cahiam sobre o Alemtéjo. Nigidio invadiu a Beira, assolando tudo, e afinal se fez forte n'uma campina raza junto a Vizeu. Sabedor do acommettimento o valente capitão lusitano acudiu ao ponto invadido, mas não podendo levar de escalada os fortes muros de terra que o romano já tinha fabricado, poz-lhes rigoroso sitio até obrigar o inimigo a render-se ou a pelear em campo descoberto. Nigidio tomou este partido, mas foi derrotado com perda das suas orgulhosas aguias e da maior parte dos seus. Obra de seculo e meio antes da era christã praticaram os lusitanos, em desaffronta do terreno patrio, esta façanha.

Outra celebre antiguidade de Vizeu encontramos nas duas torres romanas, mandadas construir pelo consul Decio Junio Bruto; as vicissitudes do tempo quasi as consumiu: uma dellas vê-se no fundo da rua do relogio, outra, posteriormente accrescentada, é a casa da cadêa e por diligencia do bispo, D. João Gomes d'Abreu, fallecido em 16 de Fevereiro de 1432, foi convertida em aljube ou prisão ecclesiastica. Escriptores ha que dizem que Decio Junio Bruto, tendo ficado na lusitania com o cargo de pretor, antes de passar da Beira para Entre Douro e Minho, fizera construir uma cidadella no local, onde hoje é a Sé, em sitio proximo á cidade de *Vacca*, (que pretendem ter sido o antigo assento de Vizeu) e que á sua partida encarregára a erecção das duas torres a dois irmãos, Frontonio e Flacco, os nomes dos quaes estavam n'um distico, que em uma das torres havia, e que na outra se viam igualmente gravadas as aguias romanas. Porem ninguem nos transmittiu a integra do lettreiro nem o desenho das aguias, o qual, como observa o P.^o Theatino, Argote, nas Memorias de Braga, serviria para illustrar os eruditos na questão relativa ás duas cabeças que os romanos traziam em suas bandeiras.

Novo vestigio da dominação dos romanos nesta parte de Portugal appareceu em nossos dias. No anno de 1818 dois camponezes cavando n'uma quinta situada atraz da igreja do Carmo, bem defronte da antiga capella de St.^o Amaro, hoje profanada, encontraram um mausoléu, ácerca do qual o A. da memoria, que temos á vista, diz textualmente o se-

guinte. “O sarcophago do comprimento de 7 palmos portuguezes e 4 d’altura, era mais largo do lado da cabeça como observámos em quasi todos os mausoléos. A pedra inteiriça de uma especie de cal, carbonatada, fetida, desenvolvia pelo attrito de um corpo duro o cheiro do gaz hydrogenio sulphurizado. Já outra de semelhante natureza foi encontrada na cidade de Evora, como testemunha Diogo Mendes de Vasconcellos (vid. L.^o 5.^o do Municipio Eborense): o que nos faz persuadir que os romanos estimavam esta qualidade de pedra para depositarem os seus despojos mortaes. Tres pedras de granito commum do paiz cobriam o sarcophago, e a do meio tinha esculpido o seguinte epitaphio.

MAELO BO
VTI. F. TAP.
ANNO. LX. H.
S. E. S. T. T. LEVIS
FILI. F. C.

Confiados na lição dos antiquarios ousamos interpreta-lo desta maneira, = (pómos a traducção portugueza) = Melo Tapsio, filho de Boucio, tendo sessenta annos, aqui foi sepultado. A terra te seja leve. O filho lhe mandou fazer (esta sepultura).

“Não nos lisongeámos que os nomes proprios aqui designados sejam exactamente os verdadeiros, em rasão dos breves, porem os dictionarios que consultámos nos fizeram inclinar a este parecer.

“Tudo nos induz a crer que este sepulchro é do tempo dos romanos; os caracteres, a fórma e materia do sarcophago, semelhantes a outras já contestadas, confirmam a nossa opinião; e se o D. M. S. (*diis manibus sacrum*), que era uso preceder os epitaphios romanos, não se encontra neste, temos exemplos de faltar em outros referidos pelo nosso celebre antiquario Resende.” Os camponezes despedaçaram as pedras deste moimento, olhando para isso com indifferença algumas pessoas que então se diziam illustradas.” —

O A. da Corogr. port., talvez confiado no testemunho do credulo Fr. Bernardo de Brito, refere que o ultimo rei godo, D. Rodrigo, recolhendo-se da Nasareth, depois da perdição, sua e das Hespanhas, viera acabar seus dias a Vizeu, e que fôra sepultado na igreja de S. Miguel do Fetal extra-muros. Mas com isto não gastaremos muito tempo, porque a critica apurou o facto da morte de D. Rodrigo na fatal batalha de Guadalete, e deu por solemne patranha a peregrinação occulta do infeliz monarcha pelo territorio portuguez. Todavia parece que sendo a cadeira episcopal de Vizeu mais antiga que o seculo sexto, como depois mostraremos, fôra a sua sé primitiva, e talvez a primeira parochia da cidade, a sobredita igreja de S. Miguel; e referem que nesta existia a sepultura de D. Rodrigo com o epitaphio que dizia: *hic requiescit Rodericus rex gottorum*. Aqui repousa Rodrigo rei dos godos. Ou a tradição obrigasse a collocar esta lousa, ou alguém commettesse a fraude e dahi proviesse a tradição, é certo que o epitaphio existia, porquanto hoje vemos alli um mausoléu ao lado esquerdo da capella-mór, onde, quando em 1735 se reedificou a igreja á custa do cabido de Vizeu, foi substituido o antigo letreiro pelo actual que é o seguinte em verso latino:

*Hic jacet aut jacuit postremus in ordine regum
Gottorum, ut nobis nuntia fama refert.*

“Aqui jaz ou jazeu o ultimo na serie dos reis
godos, segundo nos refere a mensageira fama.

Não obstante, os arabes quando senhorearam estes

reinos, incluirem no seu dominio o territorio de Vizeu, não deixaram monumentos que attemem hoje a presença delles, ou pelo menos se os houve não existem vestigios.

Junto ao logar d’Algeriz (nome evidentemente de origem arabica, porque Alderiz quer dizer logar das debulhas ou eiras) encontram-se cinco sepulturas abertas n’uma rocha, de configuração semelhante áquellas de que fallámos a pag. 413 do vol. antecedente, tratando do Monte da Boa-Morte, termo da villa de Povos. A maior tem de comprimento oito palmos. A pouca distancia destas caminhando-se ao poente acha-se outra pequena, da mesma figura, tallada do mesmo modo n’outra rocha, que tambem por varios córtes e buracos parece ter servido de base a alguma especie de construcção para funeraes. Alem das observações expendidas na citada pag. 413 poderemos reflectir que nas sagradas escripturas se menciona o uso entre os hebreus de sepultarem os seus mortos em covas escavadas em fraguedos e penedias, e parece que essa nação sem patria adoptou, quando pôde, em algumas partes a mesma pratica. Ora o A. da memoria a que nos temos referido conjectura que, segundo as noticias que adquiriu, fôra um cemiterio de judeus o campo proximo á quinta chamada hoje de Jugueiros; e nos archivos da camara de Vizeu achou documentos demonstrativos da existencia de uma judearia, ou bairro de judeus, proxima á cidade no sitio que ora denominam *cimo de villa*: daqui poderá verosimilmente inferir-se que as taes sepulturas pertenciam aos hebreus; porem estas como as precedentes considerações offerecemos ao exame d’illustrados antiquarios.

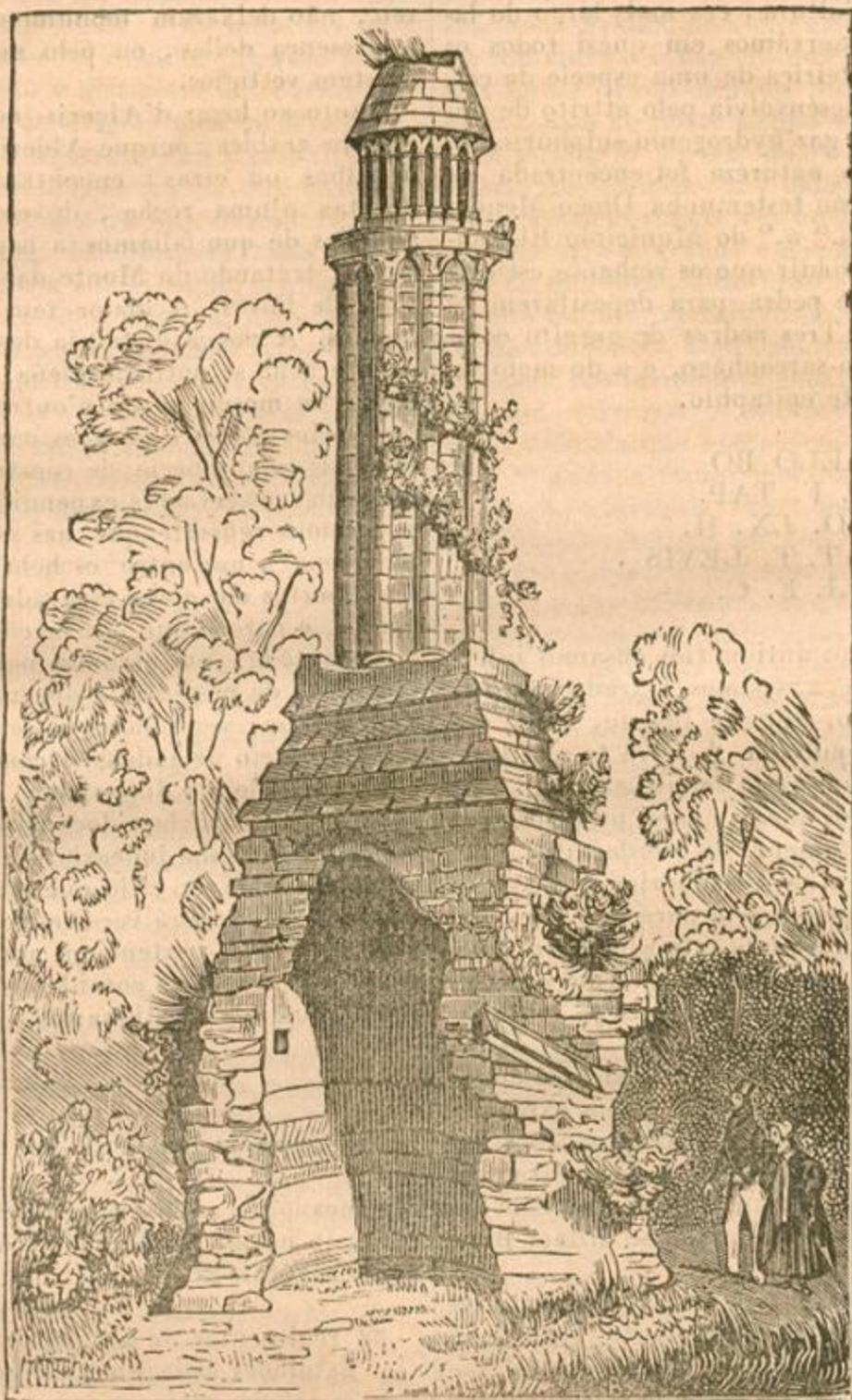
EXERCITO E ARMADA DO EGYPTO MODERNO.

No meado do anno preterito o estado das forças militares e navaes de Mehemet Ali, pachá do Egipto, era o seguinte =

	<i>Homens.</i>
34 regimentos de infantaria, de quatro batalhões cada um, completando com os estados-maiores	112:200
2 companhias da guarda do generalissimo Ibrahim pachá	200
15 regimentos de cavalleria	12:900
2 esquadrões de guias	280
Artilheria, sapadores e mineiros	25:890
5:000 beduinos	7:500
2.500 albanezes e moghrabinos }	
Homens	158:970

Marinha. — 6 naus de guerra — 6 fragatas — 4 corvetas — 3 brigues; com 11:820 praças entre officiaes e marinheiros e 1:204 peças d’artilheria. Estavam alem disso em construcção duas naus de 100 peças e duas de 80. O numero dos operarios do arsenal regulava entre cinco a seis mil.

Anecdota. — Não queria Luiz 11.^o de França dar perdão a um cavalheiro por uma morte que fizera, dizendo que já aquella era terceira; e respondeu-lhe o bôbo da côrte. — “Senhor, condemnais este pobre fidalgo sem culpa, porque elle não fez senão uma morte; vós é que fizestes as outras duas, pois se lhe mandasseis cortar a cabeça pela primeira, á fé d’homem de bem vos digo que não faria a segunda.”



A GRANDE CHAMINÉ DE QUINEVILLE.

Na costa do Cotentin em França, cousa de 500 toesas de distancia da praia nas preamares, existe um monumento singular que a nossa gravura representa no seu estado actual. Pela sua construcção indica ser obra daquelle grande povo, conquistador do universo, que tanto nas obras de apparatus como nas de utilidade empregava a conveniente elegancia e riqueza; todos conhecerão que esse povo era o romano, pobre, economico e valoroso na sua origem, parco, independente e tambem valoroso no seu incremento, esplendido, gastador e sempre valente nas epochas brilhantes da sua gloria.

A fórma deste monumento, e sobre tudo a sua situação na costa maritima mostram que fôra um pharol á moda antiga (*): o seu nome tradicional de *grande fogão ou chaminé* corrobora esta conjectura. Comtudo dividiram-se os antiquarios, como as seitas, em opiniões, segundo o seu louvavel costume, a respeito do destino deste monumento. Assentaram uns que fôra um altar dos druidas ou sacerdotes das antigas Gallias; outros presumiram que era uma

(*) Vide o como eram os pharoes antigamente na descripção e estampa do celebrado pharo de Alexandria a pag. 60 do 3.º volume.

dessas torres em que por espirito de penitencia se encerravam na idade media alguns individuos. Mas basta olhar para a configuração da obra para se vêr que não podia ter sido senão um pharol: vejamos agora a sua situação que decide o ponto. Quasi á beira-mar, onde outr'ora devêra estar collocado, porque o mar, como é sabido, recua dos continentes em certas paragens; no seio de uma bahia entranhada pela terra e guarnecida d'escholhos, proximo aos tres portos de Cherburgo, Barfleur e la Hogue, era neste local de muita utilidade: nem obsta para se argumentar o contrario a pequena altura da torre, porque pharoes ha modernos, que tão sómente se avistam do mar quando os navios já estão a curta distancia da terra; e se isto agora acontece, porque não succederia o mesmo em tempos em que a navegação era incomparavelmente mais restricta?

Quando os romanos guerreavam a Inglaterra, invadindo-a, a navegação ao norte e a leste da Mancha era o grande interesse maritimo para que olhavam. Certamente foi por este motivo que no anno 40 da nossa era, Caligula mandou erigir o pharo de Boulogne, que com o de Douvres já existente, allumiava a entrada d'Inglaterra, na abertura do canal

da Mancha, como o de Quineville (suppondo-o construído na mesma epocha) allumiava a entrada dos tres portos da península do Cotentin: assim collocados, estes pharoes indicavam aos nauticos os pontos de partida e de chegada.

Nada melhor prova o verdadeiro destino da torre de Quineville que o numero infinito de naufragios acontecidos nessa bahia depois que deixou de ser allumiada. Em 1774 a camara commercial de Normandia para pôr termo a tão funestos accidentes mandou levantar o pharol de Gatteville d'altura de 81 pés. Para substituir este, o governo francez fabricou, ha poucos annos, outro muito mais elevado, pois que tem 233 pés. Actualmente a França e outras potencias multiplicam os pharoes em todos os pontos das suas costas maritimas, como as gazetas a miudo nos informam.

O MONGE DE CISTER.

Romance historico.

(Fragmento.)

1383 — 1389.

(Continuado de pag. 24.)

PARTIMOS. Caminhavamos em quanto os cavallos se podiam menear, e ficavamos onde nos colhia a noite. Atravessamos certo dia por uma povoação: era domingo: o sino tocava á missa: o povo apinhava-se á porta da igreja: cheguei ahi, e passei: não me importou o dever de christão, e não senti remorsos. Percebi então como um pensamento pode fazer um reprobato. As mãos estavam ainda puras: a alma já era negra.

Entre em Lisboa: ao cruzar a porta da Cruz, experimentei o mesmo goso que sentira ao descer o outeiro que jaz á entrada da minha terra natal: lá pai, irmã, amante; aqui todas as minhas victimas! — Prazer de homem ahi — prazer de demonio cá. Que importa? — A intensidade era a mesma.

A minha boa espada tinha de ir bater sobre uma cabeça criminosa, como uma maldição paterna lançada de leito de morte, como os pelouros desses trons ruidosos com que os castelhanos rareavam nossas alas em Aljubarrota, sem haver arnez que lhes resistisse, elmo que ao perpassar delles não voasse em rachas com o craneo de seu dono. Qual devia ser a primeira? Hesitei. Lembrei-me da palavra que me legára meu pai: — procurei o seductor de Beatriz. Debalde. Ninguém conhecia D. Vivaldo. Entre os cavalleiros de elrei nenhum havia de tal nome. — A febre da desesperação começava a consumir-me. Insuportavel era para mim e para os outros a minha melancholia.

Certa manhã corria eu ao acaso as ruas e terreiros de Lisboa, sem saber aonde ir, ou a quem perguntar por esse nome vão, por essa sombra fugitiva que o meu sonho de vingança parecia trazer-me perto dos olhos, e que a realidade me punha cada dia mais fóra do alcance. Sahindo da pousada, no extremo do bairro dos escolares, passei pelos paços dos infantes, e cheguei ao terreiro da sé! Ainda ahi estava o engenho com que os populares tinham em tempo de D. Fernando despedaçado um traidor. Negro, meio podre, cuberto de limos tinha-o esquecido o povo! O monumento santo, o monumento da vingança não importava a ninguém! — Apertei contra o coração o punho da minha espada. Ella não havia de esquecer-me nunca; só me tardava o dia em que podesse pendurá-la no lugar mais alto da sala d'honra dos meus paços, entre as armas ferrugen-

tas de Vazqueannes — e depois ir ajuntar mais um cadaver no carneiro de meus avós.

Com os bragos cruzados, e os olhos fitos no trom aruinado, deixava-me ir ao som dos meus desvarios, quando um ruido de vozes me despertou. Olhei: o povo estava apinhado junto á torre da sé, que deita para a banda do aguião: encaminhei-me para lá sem saber porque: arrastava-me uma especie de instincto.

Quando me aproximei logo vi o que era. Um truão mouro divertia o povo cantando arremedilhos, fazendo momos e visagens, e saltando como endemoninhado ao som de um adufe! D'ahi a um instante, ruido de gente a cavallo sóou do lado dos paços dos infantes: o povo afastou-se, e dois cavalleiros, acompanhados de seus pagens chegaram perto da torre, pegado com a qual, o bom do truão trabalhava por divertir a gentalha. Um delles era homem d'idade madura, mas d'aspecto aprazivel; o outro mancebo e gentil-homem. Embebido em seus momos o jovial folião continuou a saltar tocando o adufe, com pantomimas lubricas, e cantigas obscenas; mas os dois cavalleiros, vendo que o actor do drama popular era um mouro, bradaram a uma voz: «Arreda-te cão!» — e picando os acicates, senhores e pagens saltaram por cima do pobre mouro, que rolou pelo chão, dando agudos gemidos.

O truão alevantou-se: — olhou de roda espantado por alguns momentos, e depois cravando os olhos no céu, com um aspecto em que se misturavam signaes de colera e de angustia, exclamou:

«A maldição do propheta caia sobre vós, infieis!»

Ouvindo isto, o povo, em vez de se compadecer d'elle, começou a dizer-lhe injurias, e a atirar-lhe pedradas e lixo, dando grandes risadas.

«Perro, porque não fugiste?» gritavam uns. «Arriba, e dança na esterqueira!» bradavam-lhe outros.

Um anno antes teria rido como os mais da desventura daquelle mesquinho; mas tudo em mim estava mudado. Acreditareis, virtuoso Fr. Lourenço, que eu, um cavalleiro de Christo, tive dó de um mouro, e amaldiçoei os dois nobres?

Vís sandeus, — disse eu em voz baixa — deixam passar os poderosos que opprimem; e escarnecem do aggravado porque é um pobre mouro! — Porventura esta reflexão nascia de que eu tambem era oppresso. Tambem cavalleiros me haviam calcado como se fosse um truão.

A minha reflexão foi ouvida por um velho que estava ao pé de mim. Mediu-me com a vista, e sorrindo-se, disse-me:

«A fé, senhor, que tenho setenta annos, e é a primeira vez que vejo um cavalleiro doer-se de um peño. Dos melhores são esses que ahi vão, e apesar de tudo vede o que fizeram ao triste jogral.» «Conhecei-os?» perguntei eu.

«É quem não conhece, tornou o velho, o mui noble e esforçado Lopo Mendes, e Fernando Affonso, o camareiro d'elrei?»

O nome de Lopo Mendes vibrou nos meus ouvidos como um trovão que houvesse estourado subitamente. Fiquei callado por algum tempo: uma tempestade de paixões tumultuosas e encontradas me dilaceravam o coração. D. Vivaldo offendêra a honra, Lopo Mendes o amor. As minhas diligencias para encontrar D. Vivaldo tinham, porém, sido baldadas, e eu, que só vivia para sangue, coava dias apoz dias inuteis no mundo. — O seductor de Beatriz tinha o primeiro logar — era a victima de meu pai e a minha, mas o marido de Leonor passára diante de mim senhoril, orgulhoso, feliz no seu amor detestavel; interpunha-se entre o tigre e a prea. Deus tinha con-

tado os seus dias. Devia morrer mais cedo do que eu proprio imaginava.

Estes pensamentos passaram como um relampago, mas a resolução que geraram foi immutavel. Voltei-me para o velho, e perguntei-lhe com apparente tranquillidade: «E onde pousa ora Lopo Mendes?» «Nas casas de Alvaro Pires junto ao muro que desce da Trindade para Valverde, perto da torre de Alvaro Paes.

Felizmente tinham-me ensinado a escrever. Parti. Nesse dia ao pôr do sol, Lopo Mendes recebia um papel, fechado com uma cinta preta, em que havia estas palavras:

«Um cavalleiro que te aborrece com as véras da alma te requesta e repta para te matares com elle a todo o trance. Amanhaã no campo da = lide = a hora de prima, com cota e bragaes, punhal e estoque. Na primeira devesa, além do azinhal da esquerda o acharás. Vil e refece mais que sua infame mulher é Lopo Mendes se ahí não estiver a hora de prima. Não leva firma: daqui a poucas horas me hasde conhecer.»

O pagem que levára esta carta, a recebeu outra vez aberta, e aberta m'a entregou. Trazia no alto escripto:

«Quem quer que sejas, vilão, põe ahí teu nome, para que te faça açoutar como a um mouro perro e fugidigo. — Lopo Mendes.»

Ri-me. — *A. Herculano.*

(Continuar-se-ha.)

OS BONS CONSELHEIROS.

No NEGOCIO dos homens, por andar a verdade as mais vezes encuberta, cumpre primeyro que se a cousa ponha em obra, que seja comunicada, e examinada com os amigos, e comparando os tempos, e aquecimentos, que se veção as razoens, e busquem os meynos, e dos meynos qual será o melhor, e depois que se ponha em obra, porque desta maneira, sendo discutidas, praticadas as cousas, se vem a cahir no conhecimento da verdade, e para isto muy necessarios, como dizem, são ao bom Principe bons, e verdadeiros Conselheiros. Nem cuida eu que por outra causa a Reepublica de Veneza passa já de mil annos, que florece sem nunca ser tiranizada. Necessario he que no Conselho não entre payxão, odio, nem cobiça, nem pouco amor de Deos, nem lizonjaria, porque sempre se vio as pessoas, que taes vicios, ou parte delles tiverão, serem prejudiciaes às Reepublicas.

Não deve ser o Conselheiro muito moço, que aonde não ha idade, não pôde haver muita prudencia, e os mancebos não tendo experiencia do mal, não pôdem entender o bem, nem o sabem aconselhar, e então conhecem o erro, quando o mal he presente, e a culpa não tem remedio. Escreve-se que succedendo Roboaõ filho de Salamaõ no Reyno de seu Pay, e sendo-lhe requerido em ajuntamento geral polos doze Tribus, que quizesse soltar alguma parte dos tributos, que ElRey seu Pay lhes puzera, quiz Roboaõ antes que nada fizesse praticar isto em Conselho em que aos velhos parecia, que ElRey no começo de seu Reynado devia contentar ao povo. Os mancebos pelo contrario o aconselharaõ, que pois o povo fora taõ descortès, que ousara pedir cousa, que já estava taõ assentada, que Roboaõ lhe devia responder asperamente, porque outra hora vissem com quem o haviaõ, e não ousassem entrar em taõ doudo requerimento. Pareceo melhor o Conselho dos mancebos a Roboaõ, por ser tambem man-

cebo, e pondo-o assi em obra, foy causa de que dez Tribus se alevantassem logo contra elle, e fizessem outro Rey, chamado Jeroboaõ, ficando sómente com Roboaõ dous Tribus Benjamin, e Judá, por isso os Romaõs, como os Persas, como todos os outros Estados deraõ sempre muita authoridade, e credito aos mais velhos, o que o mesmo nome de Senador nos representa.

Não he piqueno inconveniente quando os mancebos daõ conselho serem muy colericos, e seguirem seu appetito, que a rasaõ não olhaõ a que pôde seguir, porque são as maes vezes guiados de um falso desejo, e enganosa esperanza, que lhes cega o entendimento, ou por seguirem sua vontade, ou por contentarem a quem aconselhaõ, querem tudo aventurar em hum ponto, e por isso diz Aristoteles, que os taes não são aptos para o exercicio das virtudes moraes. Os velhos polo contrario ensinados da longa idade, e experiencia das cousas passadas, nenhuma cousa fazem, nenhuma cousa dizem, senaõ com muito tento, julgaõ o que hade vir polo passado, e no presente se guardaõ dos extremos, nem pôde mais nelles a payxão, e colera, que a rasaõ, e entendimento: não fazem, nem aconselhaõ nada acceleradamente, e se aproveitaõ do tempo segundo a qualidade do negocio, alguma ora uzando de pressa, outra de vagar, e tudo isto para conseguir, o que he mais proveitoso á Reepublica, com dilatar as cousas, e assi como no tempo da paz se vem a saber todo o engano, assi na guerra se descobrem os conselhos, e acordos da parte contraria. — *Barros. Paneg. de elrei D. João 3.^o*

NECESSIDADE DE CADA UM SE RESPEITAR.

Os arabes, inferiores a muitos respeitos aos povos civilizados da Europa, levam-lhes comtudo alguma vantagem na variedade e força dos seus proverbios. Tanta é a abundancia que delles teem que lhes é mui facil sustentarem continuados dialogos sem que empreguem outra linguagem que não seja a dos proverbios familiares. Um destes diz vigorosa e sagazmente: — *se figurardes de panal de palha até os pintos vos darão bicadas.* Esta sentença, em que ha mais conhecimento pratico do mundo do que á primeira vista parece, destroe pela raiz um erro fatal a muita gente, que pertende ganhar conhecimentos no mundo adoptando o character de truão. Escusado é dizer que a vaidade e a demasiada presumpção do proprio merito são os vicios oppostos, e que sendo qualidades que nos não recommendam para com os outros, nos fazem ao contrario delles aborrecidos. O homem enfunado e muito pago de si é um objecto summamente ridiculo e irrisorio aos olhos das pessoas sensatas, e deixa muitas vezes de ser attendido em pretensões assás justas só pela geral antipathia que sobre si attrahira. Pessoas ha dotadas da melhor disposição para se avaliarem devidamente, a quem a linguagem dos lisongeiros perverteu a indole e ofuscou a rasão: — são destes que, segundo Bernardes:

... trazem entre si aduladores
Que por proveito seu e alheio damno
Sempre ao gosto fallam dos senhores.

Se a sociedade é com elles algumas vezes injusta, a culpa não é inteiramente sua. Não sendo só composta de philosophos, e tendo a maior parte das pessoas que nella vivem cargos que exercitar e obrigações que preencher, não lhes sobra tempo para profundar o character e qualidades pessoas dos outros,

e por isso os julgam communmente pelas apparencias. Accresce a esta circumstancia a de serem quasi todos os homens vãos, e que de si formam grandissimo conceito, demasiadamente exaggerados no modo de se inculcarem; e deste modo, que admiração pôde causar-nos que o seu procedimento a tal respeito os desacredite para com os outros e lhes faça perder o pleito mais bem armado? Se por estes e semelhantes motivos forem injustamente decididas as nossas pertenções conspiremo-nos contra nós, e já-mais contra a sociedade, que essa julga-nos pelas idéas que lhe transmittimos. Cumpre agora notar que entre a demasiada confiança em nosso merito e a absoluta desconfiança de que algum possuamos ha um profundo abysmo, do qual nos salvaremos fugindo tanto de um como de outro extremo. Se a sociedade se mostra incredula e pouco afeiçoada aos homens que pertendem sobrelevar demasiadamente o seu merecimento, não deixa pelo contrario de depositar ampla confiança no homem que se inculca por menos habil do que realmente é. Ninguém acredita o que, fallando em seu desabono, diz positivamente que nada sabe e que de nada entende: — o resultado de tão modesta confissão é subir o credito de quem assim procede a um ponto a que nunca chegou. E sendo exacto quanto acabámos d'expôr, não deixaremos todavia de confessar que mui frequentemente se encontram pessoas que não cessam de proclamar a sua inhabilidade com a mira em que os outros deem ás suas palavras uma interpretação totalmente opposta. — Um desejo insofrido de que se falle de nós é quem muitas vezes nos obriga a expressar-nos *com tanta modestia e sinceridade*: fique-mos porem certos que uma boa parte destes censores de si mesmos, são homens vaidosos que armam ao louvor por meios indirectos. A quem assim procede de nada servem as nossas admoestações; e para serem condignamente punidos basta que os outros lhes acreditem as palavras. Aconselhâmos por tanto os mancebos a que procurem formar uma idéa razoavel e desapaixonada do seu merito, e que a semelhante respeito se expressem com franqueza e sem affectada modestia. O que é dado quasi sempre se considera de pouco valor, e o que é vendido por preço extremamente modico contem muitas vezes defeitos occultos mas importantes. Esta regra geral pôde applicar-se tanto a respeito de quaesquer serviços e negocios como ácerca de toda a qualidade de generos. Não consintaes que pessoa alguma assuma sobre vós uma auctoridade que lhe não compete; mas remunerai promptamente os serviços que se vos prestarem. De outro modo servos-ha bastante difficil, e talvez impossivel, conseguir que os vossos trabalhos e merecimentos sejam devidamente apreciados. Não vos cause estranheza o que acabámos de dizer, pois, como já dissemos, os homens dados em geral ao desempenho de deveres sociaes, não podendo descer a certas investigações, julgam quasi sempre pelas apparencias. Basta prescrutar os nossos sentimentos em relação aos outros para conhecer-mos o quanto o procedimento e conversação de qualquer homem concorrem para que d'elle se fórme boa ou má idéa. Depois deste exame acharemos que muito nos convem, por um principio de interesse proprio, abster-nos de censurar os outros. — Em lugar de obrarmos inconsideradamente, melhor será que tomemos estes principios como guia, e que, sem nos desacreditarmos por maneiras incivis e conversações insulsas e desagradaveis, procuremos a amizade de todos pela aquisição de qualidades apreciaveis. Em quanto a experiencia não mostra a cada um a necessidade de se respeitar, fazendo-se conhecer aos ou-

tros pelo que realmente é, é raro encontrar quem discorra atiladamente sobre tão importante assumpto. A experiencia e a observação são na verdade excellentes mestres; porem as suas lições, alem de severas, vem quasi sempre tarde. — Feliz de quem é assás docil para abraçar os conselhos dos seus amigos, evitando assim os terriveis males porque passam os inexperientes e caprichosos!

REFLEXÕES SOBRE A CORAGEM.

HAVENDO no mundo poucos homens a quem a coragem propria ou do amigo não tenha salvado d'algum perigo, nada nos parece tão coerente e natural como o ser esta excellente qualidade summamente estimada na sociedade, ao passo que a cobardia attrahe sobre si o desprezo de toda a gente. Dizemos que é *natural*, porque amar e apreciar tudo o que contribue para a felicidade e segurança propria é um affecto inherente ao ser de homem.

A coragem de que geralmente se faz mais caso por ser a mais applaudida é a que deriva da constituição individual, na qual o homem influe tanto como poderia influir na fórma da sua estatura ou na côr dos seus olhos. — É qualidade que possuem quasi todos os entes do sexo masculino em quanto gozam perfeita saude, não havendo muitas vezes grande motivo para nos lisongearmos de ter-nos cabido em dote a ferocidade do tygre, ou certa quantidade de ousadia e força physica. — Em geral, julga-se haver coragem physica no homem quando elle é avantajado de corpo, embora seja fraco d'espírito; e assim se toma por coragem o que ás vezes é apenas insensibilidade. Não nos cause admiração se os atletas e os antigos luctadores do pugilato foram homens de proverbial estupidez, nem tão pouco nos maravilhe o ser na classe mais ignorante da sociedade que existe maior somma de força physica.

Não se julgue todavia que é nosso intento deprimir o valor da coragem physica: — longe de nós tal pensamento. Por muito felizes nos daremos sempre que em nós ou em nossos amigos achar-mos um escudo que nos defenda dos males a que está exposto o fraco e o cobarde.

Os antigos posto que não rebaixassem o mérito da coragem physica, formavam com tudo da *coragem moral* idéas mais subidas que os modernos. Um delles affirma mui positivamente que não ha espectáculo que mais agrade ao Ente Supremo do que a lucta do homem virtuoso contra a adversidade. — É este o melhor elogio da coragem moral, e ao mesmo tempo uma censura amarga aos que reputam coragem o que apenas é mera força physica, na qual o homem é igualado, senão excedido, por animaes d'infima especie.

Temos para nós que a qualidade denominada vulgarmente *coragem*, e que tão altos encomios recebe de muita gente, não é mais do que uma insensibilidade nervosa do homem, ou antes um arrojo nos maiores perigos, que equivale a não ter amor algum á existencia. — A verdadeira coragem; isto é: a união da coragem physica com a coragem moral, é cousa totalmente differente: — é, por assim dizer, a parte essencial do espirito, e uma qualidade inseparavel do homem culto e de virtude austera. Nem o estúpido, nem o perverso possuem verdadeira coragem, porque olham com demasiada attenção para o perigo, e precatam-se quanto podem contra elle: — o perigo, por maior que seja, diminue muito quando a pessoa que o teme se previne a tempo. Ha outro motivo pelo qual a coragem moral deve

ser mais respeitada do que geralmente o é. — A coragem physica depende, como acima notámos, da constituição do corpo; porem a coragem moral é propria e determinada criação do espirito. — Todo o homem intelligente e virtuoso possui coragem moral, reunida a certa quantidade de coragem physica. Se passarmos á materia de facto, talvez entremos em duvida se o homem verdadeiramente religioso pôde deixar de ser na realidade valente. Examine-se o longo catalogo dos nossos martyres, e ver-se-hão homens debilitados com o peso dos annos, lançados, alem disso, em escuras masmorras, aonde pereciam pela fome e tratos, entoarem hymnos ao Creador até nos derradeiros paroxismos da vida! Esta coragem heroica, dá a piedade e a resignação christã; e se vivemos em seculos em que não existem os perigos que punham termo á existencia dos martyres depois de angustias dolorosissimas, cumpre-nos todavia imita-los na disciplina mental, até que possamos affrontar impavidos os perigos mais terriveis e medonhos.

A coragem moral é outra prova do poder do habito. Se uma vez conseguirmos radica-la em nós, pouco receio devemos ter de a perder. No actual estado da sociedade poucas occasiões haverá, comparativamente a outros seculos, em que careçamos de medir ou ostentar coragem physica; mas quando assim aconteça, essa coragem deve ser poderosamente coadjuvada pela coragem moral.

Por exemplo, o homem animoso, physicamente fallando, pôde ao encontrar uma quadrilha de ladrões tremer de horror e medo; mas se elle reunir á coragem physica a prenda de manejar destramente as armas, esta circumstancia dando-lhe sobre os seus aggressores a superioridade da coragem moral, faz com que elle os despreze e os não tema. Ainda mais: — basta este augmento de força e resolução para que os aggressores sejam completamente aniquillados pelo aggreddido, que conserva deste modo a sua propriedade e existencia.

Chronica do Cardeal rei, D. Henrique, e Vida de Miguel de Moura escripta por elle mesmo; publicadas com algumas annotações pela Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis. Lisboa: Typographia do dita Sociedade. 1840 — 1 vol. em 8.º francez, de 200 paginas, impresso nitidamente. — Preço 300 réis.

FACHO da verdade e mestra da vida chamou Cicerro á historia; com rasão, porque é ella um espelho das boas ou más acções dos passados para norma ou escarmento dos vindouros, que de alheios erros ou acertos podem colher saãs doutrinas para regularem seu procedimento. Mas, [como diz Severim de Faria no Elogio de Fr. Bernardo de Brito] *ainda que qualquer historia seja uma compendiosa sabedoria e fonte de prudencia, sempre a da patria é mais proveitosa*; porque, segundo o mesmo A. e a rasão universal nos dicta, successos proprios ensinam mais que os estranhos. Ninguem duvidará que os documentos, narrações e memorias da historia nacional são interessantes em summo grau, quer sejam completos e escriptos por habéis pennas, quer imperfeitos e rudés, porquanto a judiciosa crítica os aproveita ou apura, o que não poderia fazer se taes elementos lhe faltassem. Convencida destas verdades a Sociedade, que publica este jornal, deu á luz os manuscriptos acima mencionados; a avaliação que delles fez achasse no prologo da edição, e porque alguns logares pareciam confusos tratou de os aclarar em as annota-

ções que vão no fim do volume, inserindo alguns documentos que reputou curiosos.

O reinado do cardeal rei foi breve, não excedendo dezeseite mezes; mas a crise politica porque então passou Portugal é tão infaustamente notavel que as paginas d'escriptores contemporaneos sobre esta materia prendem forçosamente a attenção do leitor; quem as escreveu era impellido por affectos de amor ou odio, ou, quando mais não fosse, reprimido pelo medo que infundia um jugo estrangeiro e como tal pesado e tyrannico: mas hoje o leitor, desapaixionado e livre, pôde combinar as expressões dos antigos com os juizos dos historiadores modernos, que ou se fundaram em documentos e os appresentaram, ou fizeram a seu belprazer romances recreativos; em summa pôde avaliar os factos e tirar fructo dos seus corollarios.

As succintas, mas sinceras, memorias de Miguel de Moura, que serviu altos cargos em cinco reinados, dão grande realce ao volume, que annunciámos ao publico portuguez, como digno da sua attenção.

Como os nossos reis recebiam os principes estrangeiros. — No anno de 1670, veio á côrte de Lisboa o grão-duque de Toscana, Cosme 3.º, e se aposentou no collegio de S.º Antão. Fallou com D. Pedro 2.º (então regente) em audiencia particular com a formalidade seguinte: entrou ás oito horas da noite pelo picadeiro da côrte real em um coche de respeito de S. Alteza, e D. João de Sousa, védor da casa real, o veio buscar com doze moços da camara com tochas: depois de responder ao cumprimento de D. João de Sousa, mandou cubrir os moços da camara, e subindo pela escada recondita o veio buscar uns poucos de degraus abaixo o gentil-homem da camara, que estava de semana, do principe regente, a cuja presença o conduziu, e em cuja camara estava uma cama rica de tela azul, um bofete cuberto e uma cadeira. O principe regente o recebeu com agrado, dando os passos necessarios para chegar ao meio da casa, e tornando para o seu logar disse ao grão-duque: *cubra-se V. Alteza*; e no decurso da conversação lhe deu sempre o tratamento de *vós*, e o grão-duque ao principe regente o de *magestade*. Os gentis-homens da camara sahiram para fóra: e quando o duque se despediu, o principe deu os mesmos passos, e elle foi acompanhado da mesma fórma que no principio.

Tambem no anno de 1688 veio incognito a Lisboa o principe Jorge Augusto de Saxonia, que depois foi rei Augusto 2.º de Polonia, e fallou ao mesmo rei D. Pedro 2.º com quasi a mesma formalidade. — *Vid. Map. de Port. part. 2.ª*

Opera chim. — Já houve quem suspeitasse que aos dramas da China se devia ir buscar o germen da moderna opera italiana. As peças theatraes dos chins são recheadas de cantos, em meio dos quaes os actores frequentemente param para recitar uma ou duas sentenças no tom ordinario de declamação. Por outro lado, aos europeus parece extraordinario que um actor no meio do dialogo subitamente comece a cantar; deveremos porem observar que os chins usam da cantoria para exprimir qualquer grande commoção da alma, como o prazer, a dôr, a colera, a desesperação: por exemplo, um homem indignado contra um rustico canta; outro que a si proprio se está animando para tomar vingança, canta; e o que se dispõe a commetter suicidio tambem canta. — *Foreign Quarterly Review.*